

Instrumentista e compositor gaúcho radicado no Rio de Janeiro teve atuação marcante na música popular brasileira durante quase quatro décadas

Reportagem Cultural

Marcello Campos, especial para JC

De origem tão antiga quanto incerta, a expressão popular “levar a vida na flauta” ainda serve de sinônimo a comportamentos como indolência, descompromisso e vadiagem. Nada mais injusto com os praticantes de um instrumento cujo domínio exige destreza na combinação motora de sopro e dedilhado, sob treinamento constante de postura labial, respiratória e corporal. Que o diga a trajetória do músico, compositor, arranjador e diretor musical porto-alegrense Dante Santoro (1904-1969), um dos mais produtivos nomes da música popular brasileira na primeira metade do século XX.

O ‘Canário Riograndense’ cresceu em ambiente fértil a seu talento artístico. Foi o terceiro dos cinco filhos do imigrante calabrês Pasquale Santoro e da napolitana Rosa Marsiglia - ele sapateiro, microempresário lotérico e músico amador, ela dona-de-casa e com um repertório de canções italianas incorporado ao cotidiano da família em seus três endereços sucessivos no bairro Floresta. O último, um sobrado na avenida Cristóvão Colombo nº 1.093, abriga hoje uma galeria de arte e loja de molduras, em frente ao Colégio Batista.

Embora os detalhes da iniciação sejam desconhecidos, relatos citam a primeira flauta aos 10 anos e aulas de teoria musical com Octavio Dutra (1884-1937), compositor, violonista e professor em uma cidade na qual esse ensino se dava mais no autodidatismo e aulas particulares do que por instituições formais. O mestre teve influência direta na trajetória do pupilo, inclusive ao despertar seu interesse pelo choro, gênero para o qual também foi atraído pelo flautista fluminense Pattápio Silva (1880-1907), primeiro instrumentista a gravar faixas solo no Brasil (para a Casa Edison, em 1902).

A precocidade era favorecida pela ampla demanda, contextualiza o músico e pesquisador Arthur de Faria. “Dante pertence a uma geração de meninos-prodígio que atuavam profissionalmente desde muito cedo, como os pianistas Paulo Coelho (1910-1941) e Radamés Gnattali (1906-1988). Ainda sem rádio

e com uma indústria do disco que ainda não tinha chegado à fase elétrica, as oportunidades de trabalho eram enormes para quem tocava ou cantava em cafés, cineteatros, clubes, cabarés e outros locais. Tudo ao vivo, presencial, com uma variedade impressionante de gêneros”.

Já soprando peças populares e eruditas antes de se tornar adulto, Dante rapidamente passou a ser requisitado para recitais, serenatas, saraus, apresentações com regional ou orquestra e acompanhamento de artistas nacionais em turnê pela capital gaúcha e interior do Estado. Também se engajou a iniciativas pioneiras no associativismo de classe, como o Centro Musical Porto-Alegrense (1920-1934). Mas houve um momento em que a cidade ficou pequena para seu potencial e ele então seguiu para o Rio de Janeiro, provavelmente em 1933.

“As perspectivas profissionais (em Porto Alegre) eram restritas se comparadas às da então capital federal”, situa a tese de doutorado *Dante Santoro: Trajetória e Estilo Interpretativo* (2014), defendida pela flautista e pesquisadora goiana Larena Franco de Araújo na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Mais completo mapeamento já realizado sobre o artista, o trabalho acadêmico mostra registros da presença esporádica de Santoro em emissoras cariocas desde 1928, em números de choro, valsas, tangos e mazurcas, muito antes de deixar o Rio Grande do Sul.

A mudança definitiva para a meca artística do País colocou o porto-alegrense de 29 anos no centro de um turbilhão musical a movimentar multidões. Solista e líder de um requisitadíssimo conjunto instrumental, integrou por mais de três décadas o elenco da Rádio Nacional, sem se contentar com o papel de coadjuvante de luxo para performances das maiores vozes da Era de Ouro. Sua “flauta mágica” também estreou cerca de 70 gravações próprias, a maioria autorais e distribuída em discos de 78 rotações, como testemunho de um estilo reconhecido por colegas e admiradores.

Leia mais na página central



ACERVO PESSOAL HOMERO SANTORO/REPRODUÇÃO/JC

Dante Santoro: uma vida levada na flauta